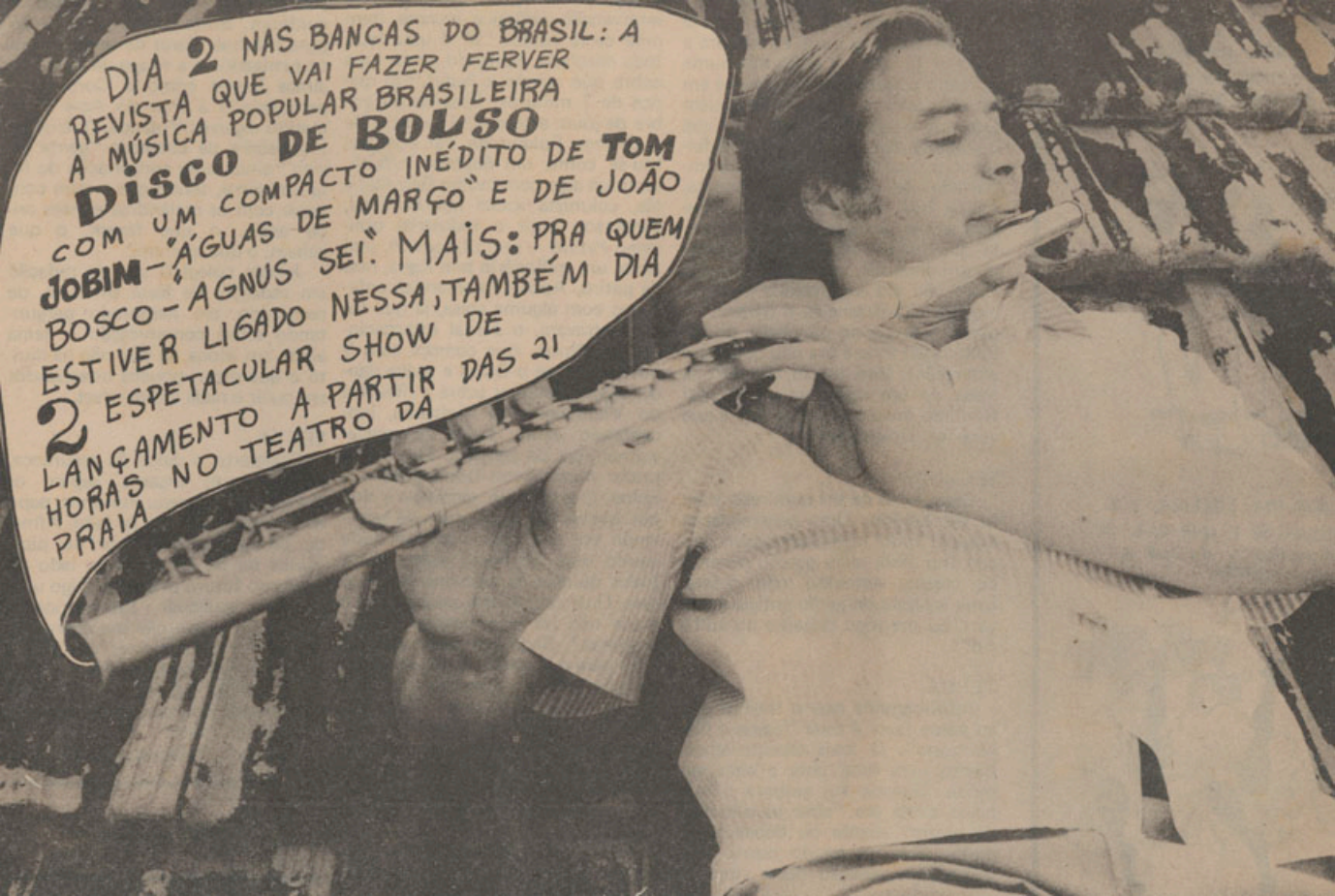


DIA 2 NAS BANCAS DO BRASIL: A
REVISTA QUE VAI FAZER FERVER
A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA
Disco DE BOLSO
COM UM COMPACTO INÉDITO DE TOM
JOBIM - "ÁGUAS DE MARÇO" E DE JOÃO
BOSCO - "AGNUS SEI". MAIS: PRA QUEM
ESTIVER LIGADO NESSA, TAMBÉM DIA
2 ESPETACULAR SHOW DE
LANÇAMENTO A PARTIR DAS 21
HORAS NO TEATRO DA
PRAIA



N

CABRAL
CONTINUA
VOLTANDO



A

B



Antônio Carlos Jobim — Um dos bons programas durante minha estada aí no Rio foi ver a gravação de *Águas de março*, por Tom Jobim, para o Disco de Bolso. Sem querer repetir todo o blá-blá-blá óbvio, tal como "mais-uma-obra-prima-de-Antônio-Carlos-Jobim-etc.-e-tal", vale chamar um troço que eu já disse pra ele: não sei por que Tom se preocupa tanto em procurar letristas se é um cara que entende pra chuchu da arte de colocar versos em suas músicas, como já provou em *Corcovado*, *Samba do Avião* e outros. Em *Águas de março*, por exemplo, ele brinca com as palavras com a categoria de um poeta. Não lhes quero fazer perder a boca, letristas do meu Brasil, mas o dia em que o Tom se mancar que sabe cometer seus versos, adeus, ó colô! (lembram-se de quando a gente falava adeus, ó colô?).

Baianinho—Aloísio Machado — Na área do samba, a grande figura que apareceu no ano passado foi João Nogueira *Das 200 milhas pra lá*, *Com um braço só*, *Chinelos novo*, etc.). Apareceu que eu digó é o seguinte: é o sambista que consegue ultrapassar o espaço natural do samba (as escolas, os blocos, os morros e os botecoquins) para entrar na sociedade de consumo (que tem seus defeitos mas tinancia sua motocicleta em 30 meses). Cartola, Nelson Cavaquinho e Clementina de Jesus, por exemplo, não cantam apenas na Mangueira: estão faturando uma nota também no Teatro Opinião, pegando as

barbas do consumo. Nestes termos, aponto dois nomes que provavelmente entrarão na tal sociedade ainda em 1972: os sambistas Baianinho (da Em Cima da Hora) e Aloísio Machado (da Unidos de Vila Isabel). Vi os dois aí no Rio, num bar chamado Belvedere, lá no Méier, e constatei que ambos estão com um repertório violentíssimo. Olho neles.

Baianos — Alguns colelequinhos aqui da patota d'O PASQUIM estão gozando os

baianos da música popular. Não surpreende, palavra de honra. É uma resposta típica do cara de classe média, que se cansa rápido e quer novidades. Alguns que endeusavam Caetano e Gilberto Gil estão querendo sair para outra porque não suportam as coisas que estão fazendo agora, as quais se não são idênticas, são da mesma família do que mostravam antes. É sempre assim. Parem com isso, meninos; o inimigo é outro.

Clara Nunes — Se a gente examinar bem esse deserto de cantores (há os compositores que são cantores e os cantores que compõem; mas, cantor, cantor só, não tem aparecido) no panorama da música popular brasileira, verificaremos que apenas um nome surgiu nos últimos dois anos: Clara Nunes. Ela já andava por aí, gravando, cantando em televisão, mas de dois anos pra cá, ganhou personalidade, seu repertório passou a ser muito bem escolhido e se transformou numa tremenda cantora. Se Clarinha continuar nesta linha apontada pelo produtor dos seus discos, Adelson Alves, é candidata séria a ser uma das grandes damas da nossa música. Ouçam o seu último elepê: as músicas de Nelson Cavaquinho, Cartola, João Nogueira, Caetano Veloso e os sambas de enredo (entre os quais o *Seca do Nordeste*, apresentado pela Escola de Samba Tupi de Braz de Pina em 1961) recebem o mesmo tratamento que o ponta de lança vascaíno Tostão dá à bola de futebol.

Custódio Mesquita — Há compositores antigos que, de vez em quando, são redescobertos. Há pouco tempo foi Assis Valente via Carmem Miranda, e agora sugiro outro: Custódio Mesquita. Cantores preocupados em fazer repertório devem atentar pra esse cara que era um tremendo compositor. Se não for possível encontrar nada dele, podem me telefonar que tenho muita coisa do Custódio em casa.

Dori Caymmi — Ser filho não é mole,

ou seja: ser filho de gente famosa tem que ter muito boa cuca se quiser seguir a mesma carreira do pai. Conheço casos terríveis porque ninguém resiste à tentação de comparar pai e filho. Af o filho fica bronqueado, a bronca vai aumentando, até fundir a cuca. Esse nariz de cera todo (traduzo: nariz de cera é uma gíria jornalística antiga que significa o blá-blá-blá que antecede no texto, a notícia propriamente dita) é para falar do elepê de Dori Caymmi que acaba de sair. É um magnífico compositor o Dori e é uma bobagem compará-lo com o pai, pois a obra de um nada tem a ver com a do outro. No disco, ele aparece também como arranjador, pois Dori é um menino estudioso que leva a sério a sua carreira. E aparece também como cantor e vocês verão quanto tempo ele perdeu deixando de cantar publicamente as suas músicas. Excelente cantor, com uma voz muito parecida com a do pai. Mas af nem eu, nem ele, nem o pai podemos fazer nada. Prova apenas que Dona Estela Caymmi sempre foi fiel ao marido.

Moreira da Silva — Fez 70 anos dia 1.º de abril. Que tal entrevistá-lo, Jaguar? No tempo em que eu morava aí no Rio pensei várias vezes em marcar entrevista com ele e não o encontrava. Aí, deixava pra semana seguinte, a nossa esculhambação fazia com que deixasse para outra e, até agora, nada. Acho que está na hora de fazer essa grande figura contar suas façanhas pr'O PASQUIM. Perfeito malandro carioca, engana até pela cara: ninguém diz que é um septuagenário. Como cantor, é campeão desde 1933, quando venceu o concurso oficial de carnaval com o samba *É batucada*, de Caninha (José Luís de Moraes) e Visconde de Bicoyá. Em 1935, voltou a ganhar com *Implorar*, de Kid Pepe, Germano Augusto e Gaspar (aliás, me disseram que este samba não é de Kid e Germano, mas de um crioulinho do Lar-

go da Canela que vendeu o samba por dois. Germano seria mesmo um dos autores ou o intermediário da compra). Voltando a Morengueira, ele foi o cara que levou o samba de breque às suas últimas consequências. O breque, vocês manjam: é aquela parada que o intérprete dá, intercalando uma palavra ou uma frase entre duas frases musicais sem prejudicar a divisão. Moreira não se limitou a colocar uma palavra ou uma frase. Ele conta uma história. O primeiro samba em que botou um breque enorme (os paulistas diriam um breção) foi no *Jogo proibido*, de Heitor Catumbi, gravado, se não me engano, em 1936. Depois, foi o *Copa Roca*, de Lourival Ramos ("Fui a São Paulo/Assistir a uma partida/Da famosa Copa Roca/(breque) Em companhia da Maroca", etc.) e foi por aí. Muita gente não entende a novidade. Tanto que, um dia, ele estava se apresentando num circo e foi obrigado a dar uma bronca no violonista que o acompanhava:

— Que que há, meu chapa? Não está entendendo?

Respondeu o violonista:
— É que estou acostumado a acompanhar música. Conversa é a primeira vez.

Noel Rosa — Dia 4 de maio, fez 35 anos que Noel Rosa morreu. Vinte e três dias depois, nascia Sérgio Cabral. Quer dizer: não fui contemporâneo de Noel por pouco. Esta nota é só pra lembrar de Noel Rosa, que viveu apenas 26 anos e deixou uma obra inigualável na música brasileira. Não é, em absoluto, para lembrar o meu aniversário. Mas se alguém se preocupar com isso, não há problema: mande discos e uísque escocês.

SERGIO CABRAL